

VENENO

UM CONTO DE
RENATA MELO

editora **bucpi**

© Renata Melo 2021

Produção editorial: Vanessa Pedroso

Revisão: Editora Buqui

Imagem da capa: Flame of life (Shutterstock)

Design da Capa: Nathalia B. Cecconello

Editoração: Nathalia B. Cecconello

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M486v Melo, Renata

Veneno [recurso eletrônico] / Renata Melo.

1. ed. - Porto Alegre [RS] : Buqui, 2021.

recurso digital

Formato: epdf

Requisitos do sistema: adobe acrobat reader

Modo de acesso: world wide web

ISBN978-65-89695-89-9 (recurso eletrônico)

1. Ficção brasileira. 2. Contos brasileiros.

3. Literatura brasileira. 4. Livros eletrônicos. I. Título.

21-74256 | CDD: 869 | CDU: 821.134.3(81)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Todos os direitos desta edição reservados à

bq Buqui Comércio de Livros Eireli.

Rua Dr Timóteo, 475 sala 102

Porto Alegre | RS | Brasil

Fone: +55 51 3508.3991

www.editorabuqui.com.br

www.facebook.com/buquystore

www.instagram.com/editorabuqui

VENENO

❦ ❦ ❦

Filipa era uma jovem bióloga, recém-formada, fascinada por serpentes e cobras, que se candidatou para um trabalho temporário por três meses como ordenhadora de cobras em uma fazenda especializada em espécies peçonhentas.

Era a maior fazenda de cobras do país com mais de 500 serpentes.

— *Você chegou ao seu destino.* — Filipa sorriu passando a mão no pescoço após algumas horas de voo e estrada da capital até ali.

Desceu do carro para abrir o portão, cruzando o utilitário e retornando para fechá-lo.

A propriedade era esplêndida, um caminho cercado por grandes árvores a conduzia até a imponente casa principal.

Estacionou em frente a casa e uma senhora a esperava na porta.

— Senhorita Novaes? — Sorriu ao ver Filipa.

Filipa estendeu a mão cumprimentando-a. — Sim. — Sorriu. — Por favor, apenas Filipa. Muito prazer.

— Sou Emma. Seja bem-vinda. Venha, vamos entrar. Vou mostrar suas acomodações. O senhor Rodrigues estará fora até o final do dia, então vou lhe mostrar a fazenda e amanhã ele, pessoalmente, conduzirá com a senhorita às atividades. — Emma estava curiosa sobre Filipa. — Quantos anos tem? — Perguntou ao entrarem.

Filipa olhava ao redor admirada com o pé direito e beleza da sala, uma enorme lareira era o ponto central, os sofás em couro, contrastando com a luz natural da parede de vidro e armação em preto, que emoldurava o campo verde e as árvores do ambiente externo. Tudo ali era de muito bom gosto.

— Vinte e três anos. — Também estava curiosa sobre Emma. — A senhora é da família ou trabalha com o senhor Rodrigues.

Emma subia os degraus guiando o caminho.

— Praticamente o criei após a perda dos pais. De onde o conhece?

— Não o conheço. — Filipa estava logo atrás dela quando Emma abriu a porta da suíte de hóspedes.

— Ravi pediu para lhe preparar a suíte ao invés de deixá-la no alojamento com os demais. — Emma encarava os olhos azuis da ruiva a sua frente com ciúmes da beleza e juventude dela.

Filipa sentiu-se intimidada com o olhar dela e forçou um sorriso tentando não transparecer.

— O professor Robert quem intermediou o estágio.

Emma, ao ouvir o nome de Robert Severo, desviou o olhar.

— Deve estar cansada da viagem. Descanse um pouco. Estarei na cozinha. Após o almoço, a levo para conhecer a propriedade.

— Obrigada. — Notou a mudança de expressão no rosto dela ao ouvir o nome do doutor Robert.

Filipa desfez a mala e tomou uma demorada ducha, relaxando um pouco da viagem. Era linda, cheia de alegria e disposição. Estava empolgada por essa exótica experiência e, apesar dos pais e amigos a aconselharem do contrário, ali estava ela, destemida e entusiasmada.

— Emma. — Parou na porta da cozinha. Tudo naquela casa era imponente.

Emma sorriu. — Sente-se.

A mesa estava posta para sete pessoas.

— Os outros já devem estar chegando para juntar-se a nós. — Observou a porta sendo aberta. — Chegaram!

Filipa viu três homens e duas mulheres entrarem pela porta dos fundos.

— Filipa, esses são Tomás, João, Pedro, Rita e Sandra. — Emma foi apontando para cada um deles.

Tomás, Rita e Pedro acenaram de longe e sentaram-se à mesa. João e Sandra foram até Filipa, cumprimentando-a.

— É um prazer conhecer todos vocês. — Filipa sorriu.

— Você tem noção do que fazemos aqui, garota? — Tomás tinha um olhar de poucos amigos, deduzindo que ela poderia ser uma garota mimada querendo viver uma aventura.

— Aposto que vai desistir em menos de um mês. — Rita sorriu, debochando.

— Ignore os comentários. Dizem isso para todos os novatos. Já passei por isso também. — Sandra comentou, encorajando Filipa.

— Já levou uma picada de cobra, garota? — Pedro estava curioso para saber mais sobre Filipa. — Me deixa adivinhar... Recém-formada que acredita que o mundo é lindo e justo?

— Pessoal! — Emma os repreendeu.

— Sim, bióloga recém-formada. — Filipa comentou.

— E por que começar sendo ordenhadora de cobras?

— Quero me especializar em herpetologia. — Servia-se com um pouco de salada.

— Então, bem-vinda ao nosso mundo, novata. — João sentou-se ao lado dela. — Não liga para eles... — Referia-se a Tomás, Rita e Pedro. — É que você aparenta ser normal.

— Essa é a equipe especialista em herpetologia que cuida da reprodução, saúde, ciclo de vida e extração do veneno. — Emma comentou. — Oitenta por cento da extração de veneno desse serpente é destinado à medicina humana.

— Especificamente tem sido usado para criar anticoagulantes para tratar vítimas de acidentes vasculares cerebrais e casos de ataque cardíaco. — Sandra complementou.

— Os outros vinte por cento para antídotos para o próprio veneno para hospitais e uso laboratorial.

Filipa, apesar da receptividade, estava fascinada por tudo que ouvia, pelo vasto campo de visão e experiência dos profissionais à sua volta.

Após o almoço, Emma a levou para uma longa caminhada pela propriedade.

— Obrigada por me apresentar as instalações. — Filipa agradeceu Emma.

— Posso te fazer uma pergunta?

— Claro. — Sorriu para Emma.

— É próxima do Robert Severo?

— Não. Minha relação com ele é profissional. Fiz mentoria com o professor Robert.

— Ele está bem? — Emma embargou a voz ao perguntar.

— Acho que sim. — Filipa forçou um sorriso, curiosa com as perguntas de Emma.

— Melhor descansar. O café é servido a partir das seis e trinta da manhã. Ravi estará à sua espera. Não se atrase.

— Obrigada. — Filipa subiu as escadas, desconfortável, por ficar no quarto de hóspedes enquanto os demais colegas estavam no alojamento. — Emma...

— Sim. — Virou-se para olhá-la.

— Posso me acomodar no alojamento com os demais? Não me parece apropriado ficar no quarto de hóspedes da casa principal...

— Não se preocupe, logo irá para o alojamento também. — Sorriu. — Por hoje, aproveite e descanse.



Filipa mal conseguiu dormir pensando em Ravi Rodrigues. Os comentários sobre ele eram de que se tratava de um homem reservado, misterioso e, até certo ponto, intolerante e exigente.

Os artigos do doutor Ravi Rodrigues eram destaque no meio científico e acadêmico, e ter a oportunidade de conhecê-lo e fazer parte da equipe era exatamente o que Filipa havia planejado.

— Senhor Rodrigues? — Sentiu o frio na barriga ao vê-lo sentado à cabeceira da mesa lendo o jornal.

Baixou o jornal, encarando os olhos azuis da ruiva de 1,75 de altura parada na porta da cozinha.

— Sente-se, senhorita Novaes. — Tomou um gole de café. — Suas referências acadêmicas são acima da média, mas não serão suficientes para permanecer por aqui.

Filipa sentou-se ao lado dele e encarou os olhos negros, mesmo estando intimidada com o modo que Ravi a olhava.

— Eu aprendo rápido.

Sorriu com sarcasmo ao ouvi-la e Filipa, involuntariamente, foi magnetizada pelas covinhas naquele atraente sorriso. Os dentes eram perfeitos e brancos.

Ravi era doze anos mais velho que Filipa. Tinha 1,84 de altura, moreno, cabelos pretos, barba bem aparada e um corpo em perfeita forma física.

— Com licença. — Ravi levantou-se. — Alimente-se. — Estava com o celular na mão. — Preciso atender essa ligação. Então vamos ao serpentário. Alô...

Filipa o observou, em silêncio, enquanto ele deixava a cozinha, concluindo que se sentiu intimidada.

— Pronto? — Disse, parado na porta da cozinha, os braços cruzados, sorrindo, fazendo-a se perder em seu sorriso.

Filipa levantou-se e se aproximou dele, encarando-o, e, dessa vez, foi Ravi quem deu um passo atrás desviando o olhar.

— Serpentes produzem potentes venenos com a finalidade principal de digerir o alimento, pelo fato de serem engolidos inteiros. — Olhou-a.

Filipa caminhava ao seu lado. Seguiam em direção ao galpão principal do serpentário.

— Sim. A peçonha é produzida por duas glândulas especiais, localizadas na cabeça, atrás e abaixo dos olhos. — Disse concentrada.

— Um serpentário bem planejado mantém extrações constantes. Para isso, mantemos um cronograma diário e mensal de trabalho dentro do criatório. Assim, haverá animais em estágios diferentes de manejo.

— O tempo para a extração é a partir de um ano de idade. — Complementou.

— Desde que não estejam em processo de digestão ou debilitados por alguma doença, fêmeas prenhas e animais que tenham passado pelo processo de extração a menos de um mês. Esses não podem ser coletados.

Entraram no enorme galpão.

— Uma serpente dificilmente produz mais que 100mg de veneno por mês. Para a produção de um grama do produto cristalizado é preciso, aproximadamente, 30 serpentes.

— Usam gás carbônico para a sedação? — Já estava naturalmente mais à vontade ao lado dele.

— Sim. Nosso veneno tem certificação de qualidade obtida por meio de análises feitas em laboratórios onde possuímos convênio. — Fez uma pausa antes de continuar a falar. — E o mais importante: você não pode ter medo, mas tem que respeitá-las.

Dobrava as mangas da camisa e Filipa pôde ver as marcas de mordidas. Ravi acompanhou o olhar dela.

— Já foi mordida por uma cobra?

Filipa apenas movimentou a cabeça negando.

— Os acidentes no manejo podem acontecer, então, se precisar, aqui estão os antídotos. — Mostrou-os a ela.

Estavam devidamente identificados.

— Nem sempre estará com outra pessoa ao seu lado, por isso, será preciso conseguir aplicar você mesma. — Ravi abriu o receptáculo e retirou com auxílio de um longo cabo uma cascavel.

Filipa teve um mal pressentimento. — O que vai fazer?

— Preciso garantir que saberá o que fazer para se manter viva. — Jogou a cobra sobre Filipa.

A cascavel mordeu-a no braço. As presas penetraram com força rasgando a pele, introduzindo o pouco veneno que lhe restava, pois já tinha sido ordenhada. Filipa sentiu a dor e a ardência do veneno sendo introduzido em sua corrente sanguínea, junto com uma crescente raiva pela atitude de Ravi.

— Agora, o que você vai fazer, ruiva? — Observava-a, recuperando a cobra para devolvê-la ao receptáculo.

Filipa sentiu tontura e a dor era insuportável.

— Vamos, ruiva. Seu tempo está passando. Dependendo da espécie e da quantidade de veneno, rapidamente poderá ficar paralisada e perder a consciência.

Caminhou até os antídotos e pegou o frasco específico para cascavel com muita dificuldade, transpondo o líquido para a seringa, respirava com dificuldade.

Sentiu-se como se Ravi estivesse observando-a como um predador, esperando sua presa agonizar até a morte para devorá-la.

Filipa aplicou o antídoto com certa dificuldade, mas o fez sozinha. Então sentou-se no chão, em silêncio, ignorando-o.

Ravi aproximou-se, pegando-a no colo e a deitando sobre uma maca. — Fique quietinha.

Pegou um kit de primeiros socorros para limpar o ferimento.

— Quer me dizer alguma coisa? — Surpreendeu-se por ter ficado incomodado ao ver que o brilho nos olhos dela havia desaparecido.

Filipa permaneceu em silêncio lutando com as emoções contraditórias dentro dela: raiva, fascinação, dor, alívio, medo, libertação. E, por mais assustador que fosse, compreendeu o que Ravi havia feito. Ele acreditou que ela era capaz de estar ali e enfrentar o que se passou, mas não seria lógico admitir a ele que gostou do que acabou de acontecer.

— Quanto tempo mais vai durar essa sensação agonizante?

— Vinte e quatro horas. Não terá a mesma chance com serpentes prontas para serem ordenhadas. Por isso, para a ordenha é prudente estar acompanhada até adquirir mais experiência no manejo.

— Acho que vou precisar de um pouco mais de tempo para a próxima aula prática. — Forçou um sorriso, surpreendendo-o. — E meu nome é Filipa, não ruiva. — Olhava para ele, desafiadora.

— Claro. — Sorriu, afastando-se. — Filipa.

Teve a sensação que ele sentiu prazer pelo que fez a ela.

— Tenho uma pergunta.

— Vá em frente. — Encorajou-a, mesmo sabendo que não era preciso.

— Faz o mesmo com todos os novatos? — Ainda estava ruminando o que suportou ali.

— Você tem bem menos experiência. Meus métodos não são convencionais. Não espero que me compreenda. — Aproximou-se, pegando-a no colo. — Por hoje terminamos. Vou levá-la ao seu quarto.

— Quero ficar no alojamento com os demais.

Ravi sorriu. — Você vai, mas não hoje. Hoje vou cuidar de você.

Filipa sentia o calor do corpo dele a aquecer. A temperatura do seu corpo tinha caído rapidamente, a pressão aumentando, seguido de enjoo. O veneno é potente, ataca o sistema nervoso e pode matar nas primeiras 24 horas, principalmente, se a vítima for uma criança.

Ravi colocou-a na cama.

— Emma tirou o dia de folga. Por hoje, terá que me suportar. Precisando de qualquer coisa, este botão está conectado a este *page* que ficará comigo.

Filipa fechou os olhos tentando suportar a forte dor que sentia, repensando se aguentaria permanecer ali por três meses, mas não tinha chegado até ali para desistir.

Acordou ao ouvir ruídos de aflição. Ravi estava acomodado na poltrona ao lado e, provavelmente, em um pesadelo. Era madrugada e Filipa sentia-se melhor. Aproximou-se, o que fez ele acordar.

Ravi despertou, aliviado por se livrar da sensação revivida em sonho.

— Tudo bem? — Segurava na mão dele, mas ele a retirou ao sentir o toque de acalento dela.

— Foi só um pesadelo. Como está se sentindo?

— Melhor. — Forçou um sorriso.

Filipa teve o resto do dia para pensar no que Ravi fez com ela, o modo como fez, seria uma agressão a quem ela era, ao que acreditava, se não deixasse claro para ele como estava se sentindo.

— Sei que não está nem aí para o que eu penso, mas não gostei do que fez e como fez. Precisava te falar.

Olhava-a, sabendo que, diferentemente das suas serpentes, aquela ruiva não tinha antídoto.

— Não vai me dizer nada? — Estava novamente com raiva pela falta de reação dele.

Ravi levantou-se.

— Esteja no galpão amanhã às 8 horas. — Sabia que Filipa não desistiria. — Boa noite.

Ainda voltou uma última vez ao quarto de hóspedes, observando-a dormir. Era a ruiva mais bonita que já tinha visto, e desejou conhecer cada centímetro do corpo dela até vê-la tremer de prazer em seus braços.

Ravi Rodrigues e Robert Severo eram irmãos de criação. Após a morte dos pais de Ravi, Emma o criou. Cresceram juntos e ambos se tornaram PhD e cientistas, doutores em répteis. A herança de Ravi permitiu tanto a Emma quanto a Robert ascenderem, mas Robert nunca administrou bem suas finanças, e Ravi, constantemente, precisava intervir suportando suas extravagâncias.

“— O nome dela é Filipa Novaes, tem 23 anos, recém-formada em biologia e é muito inteligente. Ficou comigo nesse último semestre na mentoria e quer se especializar em herpetologia... — Severo pensou que ele tivesse desligado pelo silêncio absoluto. — Ravi?

— Sabe que eu não estou contratando, sabe que não quero me envolver nas suas extravagâncias.

— Pensou que Filipa era o tipo que fazia sexo com o professor para obter privilégios.

— Falou o senhor “certinho”. — Robert apelou, mas não revelou ao irmão que ela era uma garota séria e que jamais havia tentado nada com ela, para não ficar por baixo.

— *Essa trepada deve ter sido muito boa para estar tão interessado em me convencer a dar um estágio para a garota.*

— *Ravi...*

— *Tudo bem.*”

❧ ❧ ❧

Filipa aproximou-se, e seus olhos cruzaram com os dele por alguns instantes. Ravi estava concentrado no manejo de uma cobra naja e ela observou em silêncio.

— Sua vez. — Aproximou-se de um receptáculo.
— Essa.

Ela abriu a porta do receptáculo e aproximou o bastão para retirar a serpente.

— Agora a coloque no tanque para submetê-la a anoxia por gás carbônico. — Manteve-se próximo a ela.

— Quanto tempo?

— De três a quinze minutos para conseguirmos a dormência necessária. Quanto menos tempo mais rápida é a recuperação após a extração do veneno.

Observava os minutos passarem evitando olhá-lo.

— Retire-a e a coloque sobre a mesa. — Orientava. — Agora, levemente, encoste a ponta do bastão para que possa segurar a cabeça mantendo a mandíbula aberta.

Seguia as orientações dele.

— Isso. Agora encaixe as presas para penetrar o plástico e pressione com o dedo da sua outra mão para ajudar no movimento da mandíbula. Isso.

Observavam o veneno sendo extraído.

— Bom. Agora faltam apenas 29 serpentes para você coletar um grama de veneno cristalizado. — Sorriu para ela e Filipa também sorriu, virando a página do que tinha vivido no dia anterior.

— Veja como a recuperação dela foi imediata. — A cobra se armava para se defender atenta ao movimento ao seu redor.

Filipa a guardou com o uso do bastão.

— Para concluir, faça a pesagem e cole a etiqueta de identificação da espécie, data e hora da coleta e coloque no *freezer*.

Ravi observou-a no manejo e extrações seguintes, fazendo pequenos ajustes na condução de Filipa, mas ela tinha habilidade e era disciplinada cumprindo, rigorosamente, as orientações recebidas.

— Se saiu muito bem hoje.

— Obrigada pela oportunidade.

— Não me agradeça, agradeça ao Robert. — Forçou um sorriso. — É próxima do Robert?

— Minha relação com ele é profissional. Fiz mentoria com o professor Robert. — Recordou que Emma tinha feito a mesma pergunta. — Emma me fez a mesma pergunta... — Comentou. — Eu não o conheço bem, mas presumo que sejam próximos?

Ravi era bom em julgar pessoas e se surpreendeu ao perceber que Filipa estava sendo sincera.

— Sou muito grata ao professor por essa oportunidade de ter intermediado esse estágio com você. E agradeço a hospitalidade em me receber na casa principal, mas não estou à vontade e não quero ter nenhum privilégio comparado ao restante da equipe.

Olhava-a desconstruindo toda a imagem que tinha preconcebido dela.

— Então, posso me juntar aos outros no alojamento?

— Forçou um sorriso por vê-lo tão sério.

Ravi estava diante de uma tela em branco.

Tentava desvendar a expressão no rosto dela. — Você não tem nenhum privilégio. Gosto de conhecer bem quem vai fazer parte da equipe, mesmo que por pouco tempo.

Tropeçou parando nos braços dele. Ficaram bem próximos e Ravi teve que se controlar para se afastar. Era um homem vigoroso. O cheiro dela era convidativo e o corpo firme e proporcional na medida certa.

— Me desculpa. — Disse desviando o rosto, preocupada que ele pensasse que fez de propósito e afastou-se rapidamente.

— Então, você e o doutor Robert são próximos? — Ele não tinha respondido à pergunta. — Emma me perguntou se ele estava bem, mas eu, infelizmente, não consegui responder. Qual a relação dela com ele?

— Emma me criou e é a mãe dele, então... — Viu a expressão de surpresa dela.

— Não imagino o que é perder os pais enquanto criança... Deve ter sido muito difícil.

— Eu superei.

Filipa, no fundo, sabia que não.

Olhavam os filhotes de uma nova ninhada e Filipa observou um brilho diferente nos olhos dele.

— Fascinante.

— Sim. — Referia-se ao brilho nos olhos dele.

— Uma espécie tão repulsiva para a maioria das pessoas, que causa medo, mas tão fundamental ao nosso ecossistema, sem ela tudo perde o equilíbrio. E o que fazemos aqui salva vidas.

E Filipa entendeu o quanto ele se identificava com as serpentes.

— Ainda bem que nós não pensamos como a maioria.

— Sorriu, compreendendo-o um pouco mais.

— Tenha cuidado, mesmo filhotes, ainda são serpentes. São primitivas as reações.

— Tudo bem.

Aquele era o mundo de Ravi Rodrigues, e ele amava o que fazia, havia dedicado sua vida à ciência, e Filipa compreendia que não haveria espaço para qualquer outra coisa além da ciência e das serpentes na vida dele.

Mas já era tarde, ela estava envolvida, e ansiava por cada oportunidade em estar ao lado dele.

Sorriu para ele.

— Concentre-se.

A cada dia de manejo ela adquiria mais confiança e, como recompensa ao final do primeiro mês do estágio, Ravi decidiu deixá-la ordenhar, pela primeira vez, uma naja. Pedro e Rita estavam com eles.

— Cuidado, novata. — Pedro discordou de Ravi sobre deixá-la fazer isso.

Ravi manteve-se próximo, orientando-a.

— Essa serpente precisa de mais tempo para a sedação.
— Reforçou.

— O mínimo veneno que restar, após a ordenha, pode ser perigoso. — Rita reforçou e Filipa ouvia atenta cada observação.

Ela estava finalizando o manejo quando João e Sandra chegaram.

— Cadê a novata? — João perguntou feliz por ela.

E, em segundos de distração, Ravi colocou o braço recebendo a mordida em seu lugar.

— Ravi! — Sandra olhava-o.

João correu para pegar o antídoto.

Rita manuseou a serpente devolvendo-a ao seu recipiente, enquanto Filipa segurava na mão de Ravi, ajudando-o a deitar no chão.

Ravi sentia o veneno queimar em seu corpo. Um veneno mortal que o dilacerava por dentro. Não era a primeira vez que sentia esse veneno em específico o anestesiá-lo, dominar seu sistema nervoso. Era uma sensação de êxtase viciante e perigosa que nunca conseguiu sentir em nenhum outro momento da vida ou com alguém.

“Sou a droga de um viciado em veneno de serpente que está olhando para os olhos azuis mais incríveis que já vi.” Ravi pensou.

Filipa não soltou a mão dele, sentindo-se culpada. Era ela quem deveria estar agonizando no chão, não ele. Ravi a protegeu. Uma retrospectiva passou em sua cabeça enquanto apoiava a cabeça dele em suas pernas.

Os últimos trinta dias foram sensacionais, não só por tudo que estava aprendendo, mas por ele. Esperava todas as manhãs para ver o sorriso dele, para conversarem, para estar com ele. Seu coração acelerava ao seu lado, mesmo

sabendo que Ravi não a permitiria se aproximar. Enxugou rapidamente uma lágrima torcendo para que ninguém notasse, mas ele estava olhando para ela.

— Vai ficar tudo bem. — Tentou consolá-la.

Filipa movimentou a cabeça confirmando, emocionada, se repreendendo por ter se emocionado.

João aplicou o antídoto. — Não vamos te movimentar ainda. Tudo bem?

Ravi moveu suavemente a cabeça concordando.

— Eu avisei. — Pedro fez questão de reforçar.

— Chega, Pedro! — Sandra não tolerou o comentário desnecessário. — Todos nós já passamos por isso.

— Vejam como ela está pálida. — Rita comentou.

— Vem, Filipa, vamos sair por um instante para respirar um ar puro. — João convidou.

— Não vou sair do lado dele. — Afirmou, segurando a mão de Ravi.

E naquela noite foi ela quem dormiu sentada ao lado dele. Queria ter a certeza de que Ravi ficaria bem.

Era madrugada quando Filipa apagou, exausta. Seu sono estava tão profundo que não acordou quando ele a pegou no colo e a acomodou na cama ao seu lado.

Foi uma sensação prazerosa acordar nos braços dele. Ravi ainda dormia. Seu semblante estava sereno e tranquilo, e Filipa nunca esteve tão próxima para ver cada detalhe do lindo rosto, mas o que mais chamou sua atenção foram as inúmeras marcas de mordidas nos braços dele.

Ravi abriu os olhos.

— Está se sentindo bem?

Ele não a soltou.

— Não. — Viu o olhar de preocupação dela e sorriu.
— Dormi com uma mulher sem sexo... Com certeza, não estou bem.

— Não tem graça. — Disse afastando-se, sentando-se na cama.

— Estou bem.

— São muitas marcas... — Não pareceu natural para ela.

— Quer me perguntar alguma coisa? — Olhava-a com desejo.

Filipa não tinha certeza, pois não queria que ele a afastasse.

— Pode deduzir por si só o que significam. Então, não se culpe pelo que aconteceu ontem.

— Uma hora, você pode...

— Morrer? — Interrompeu-a. — Por isso escolho estar sozinho.

O olhar dela era acolhedor. Perder os pais tão precocemente fez Ravi se fechar para os seus sentimentos por medo que se repetisse de alguma forma.

Segurou na mão dele para acalotá-lo, mas Ravi afastou a mão e a puxou, colocando-se sobre ela.

Os olhos azuis o olhavam enquanto ele segurava com as mãos ousadas seus seios, sentindo-a.

— Não se iluda, ruiva. Se quiser ir em frente, aqui e agora, tudo bem, mas será somente isso.

Filipa estava com o coração acelerado sentindo as mãos dele massagear seus seios e sabia que ele estava se esforçando para afastá-la.

Ela o beijou, incendiando Ravi, que sentiu seu coração acelerar pela primeira vez sem estar entorpecido de veneno.

— Tem certeza?

Beijou-o outra vez, silenciando-o, então Ravi beijou cada centímetro do corpo dela como havia desejado desde quando a conheceu, deliciando-se por vê-la tremer de prazer antes de a penetrar e perceber que Filipa era virgem.

Ravi se perdeu nos braços dela, entregue totalmente a ela e ao prazer que fez todo o seu corpo tremer, assustando-o.

Ele se levantou e, sem dizer nada, entrou no banho tentando tirá-la do seu coração, não tinha um antídoto para isso e não queria continuar sentindo o que estava sentindo.

Filipa fechou os olhos tentando organizar o misto de sensações e emoções que explodiram dentro dela. Era adulta, e estar nos braços dele foi a melhor decisão que já tomou para si. Ravi foi tudo que desejou para sua primeira vez e não tinha arrependimentos. E, pelo pouco que o conhecia, sabia que ele precisava do próprio espaço, então ela se foi.

Demorou para voltar ao quarto e Filipa não estava mais ali. Ravi olhou para a cama ainda sentindo o gosto delicioso dos lábios dela, o cheiro da pele macia, o toque da mão dela segurando a sua, o afago em seu rosto e se repreendeu por ter sido incapaz de dizer algo a ela. O fato de ter sido a primeira relação dela ficou martelando em sua cabeça. Por que ele? Precisava se afastar.

Ravi Rodrigues viajou naquele mesmo dia e permaneceu ausente dos assuntos da fazenda, propositalmente, por quase dois meses até o fim do estágio dela.

Pedro assumiu a frente do serpentário e a supervisão do estágio de Filipa.

Filipa evitava ao máximo pensar nele e se dedicou aos estudos, conseguindo passar na prova do doutorado mais competitivo para os profissionais da sua área e, é claro, as referências de Ravi Rodrigues foram fundamentais nas etapas seguintes do processo seletivo.

— Olha a nossa garota! Parabéns! — João a abraçou, tirando-a do chão.

Rita e Sandra estavam alegres por ela.

— Com a minha supervisão não tinha como ser diferente. Parabéns, novata! — Pedro sorriu cumprimentando-a em um aperto de mãos.

— Tenho certeza que tanto o Ravi quanto Tomás ficarão muito felizes quando souberem. — Sandra comentou.

Emma abraçou-a afetosamente. Seu estágio estava terminando e Filipa, naturalmente, estava feliz por ter construído vínculos com todos eles.

— Para aonde ele foi por tanto tempo? Você sabe? — Filipa finalmente teve a coragem de perguntar para Emma quando ficaram a sós.

Emma movimentou a cabeça confirmando que sabia. — Ele não quer que ninguém saiba onde ele está.

Filipa desviou o olhar tentando não se emocionar.

— Você é tão cheia de vida e coragem... Todos por aqui estavam tão sedados, entorpecidos... E você acendeu uma chama diferente em cada um de nós, inclusive nele. — Emma sorriu, abraçando-a. — Não se culpe.

— Vou sentir saudades. — Forçou um sorriso, emocionada.

Filipa estava no laboratório da universidade com um frasco de veneno cristalizado na mão. Era do serpentário do doutor Ravi Rodrigues. Apesar de não o ver há um ano, ainda conseguia fechar os olhos e enxergá-lo em suas lembranças. Seu coração ainda acelerava.

— Ainda não acredito que foi ordenhadora de cobras e fez parte da equipe dele. — A colega de laboratório referia-se ao doutor Rodrigues.

— É, nem eu... — Disse voltando ao mundo real.

— Você é muito corajosa. Como foi trabalhar com ele?

Constantemente a abordavam com perguntas curiosas sobre Ravi Rodrigues.

— Ele é tão lindo. — Amanda suspirou olhando para a capa da revista e Filipa sorriu compreendendo a fascinação dela.

Pensou que o fato de ser tão reservado e inacessível era o que despertava tanto interesse sobre ele. Ela também já tinha sido como Amanda, mas o conheceu, intimamente, e pôde compreender que toda a reserva e distância era medo de sentir, de se machucar, de doer. Ele queria ser um réptil e ela, inconscientemente ou conscientemente, foi a predadora.

Olhou para a marca no braço. Ravi caminharia com ela, para sempre. Sorriu.

Ele partiu em um acidente de manejo, e somente os mais íntimos que conheciam as habilidades e conhecimento dele saberiam a verdade.

www.escritorarenatamelo.com.br

 [escritora_renata_melo](https://www.instagram.com/escritora_renata_melo)

 [escritorarenatamelo](https://www.facebook.com/escritorarenatamelo)

buqui

www.editorabuqui.com.br